Autonomia infantil:
O papel das interações e brincadeiras na infância

ALESSI, Viviane Maria
Escola Municipal Vereador João Stival,
Doutora em Educação.
vivialessi@hotmail.com
BRITO, Lilian Messias Sampaio
Escola Municipal Vereador João Stival,
Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente.
lilianmessias@yahoo.com.br
SANTOS, Ana Silvia de Rosis
Escola Municipal Vereador João Stival
Licenciada em Ciências

DOI: 10.55823/RCE.V22.315

RESUMO

Este artigo explora o conceito de autonomia no desenvolvimento infantil, destacando como a dependência inicial de um bebê evolui para a independência por meio de marcos como a linguagem e a capacidade de andar. A autonomia — entendida como a capacidade de se conduzir e tomar decisões, considerando as regras, os valores, e as perspectivas tanto pessoais quanto alheias — é vista como um elemento fundamental na educação infantil, promovendo a autoestima e a responsabilidade. Para isso, as crianças precisam perceber que são capazes de fazer escolhas e, consequentemente, assumir responsabilidades pelas decisões que tomam. Neste sentido, apresentamos um relato de experiência que destaca algumas propostas desenvolvidas com um grupo de crianças da Educação Infantil, no intuito de incentivar a autonomia por meio de interações e brincadeiras, permitindo que as crianças adquiram habilidades de autocuidado e resolução de conflitos, sempre em um ambiente seguro, onde a participação e as interações sociais são favorecidas.

Palavras-chave: *Autonomia infantil, desenvolvimento infantil, educação infantil, interações sociais, brincadeiras.*

RESUMEN
Este artículo explora el concepto de autonomía en el desarrollo infantil, destacando cómo la dependencia inicial de un bebé evoluciona hacia la independencia a través de hitos como el lenguaje y la capacidad de caminar. La autonomía, entendida como la capacidad de comportarse y tomar decisiones, considerando reglas, valores y perspectivas tanto personales como ajenas, es vista como un elemento fundamental en la educación infantil, promoviendo la autoestima y la responsabilidad. Para lograrlo, los niños deben darse cuenta de que son capaces de tomar decisiones y, en consecuencia, de asumir la responsabilidad de las decisiones que toman. En este sentido, presentamos un relato de experiencia que destaca algunas propuestas desarrolladas con un grupo de niños de Educación Infantil, con el objetivo de fomentar la autonomía a través de interacciones y juegos, permitiendo a los niños adquirir habilidades de autocuidado y resolución de conflictos, siempre de forma ambiente seguro, donde se favorezca la participación y las interacciones sociales.

Palabras clave: Autonomía infantil, desarrollo infantil, educación infantil, investigación-acción, interacciones sociales, juegos.

ABSTRACT
This article explores the concept of autonomy in child development, highlighting how a baby's initial dependence evolves into independence through milestones such as language and the ability to walk. Autonomy — understood as the ability to conduct oneself and make decisions, considering rules, values, and both personal and other people's perspectives — is seen as a fundamental element in early childhood education, promoting self-esteem and responsibility. To achieve this, children need to realize that they are capable of making choices and, consequently, taking responsibility for the decisions they make. In this sense, we present an experience report that highlights some proposals developed with a group of children from Early Childhood Education, with the aim of encouraging autonomy through interactions and games, allowing children to acquire self-care and conflict resolution skills, always in a safe environment, where participation and social interactions are favored.

Keywords: Child autonomy, child development, early childhood education, action research, social interactions, play.

1 - INTRODUÇÃO

Ao pensarmos na etimologia da palavra, a autonomia refere-se ao direito de reger-se segundo leis próprias, ou seja, governar a si mesmo. Um conceito complexo. Autonomia não é sinônimo de autossuficiência, nem de absoluto, ou ilimitado. Como seres sociais, a

interdependência entre os indivíduos marca nossa vida de diferentes maneiras e com intensidades variadas (Silva, 2023).

No desenvolvimento infantil, temos um período de dependência absoluta do bebê ao seu adulto/cuidador, principalmente nos primeiros meses de vida: ele depende do outro para atender suas necessidades básicas de alimentação, higiene e bem-estar. E, com o passar do tempo, essa dependência se torna relativa, pois à medida que a criança vai se desenvolvendo, a sua dependência do adulto diminui. Isso se deve, principalmente, em função de dois fatores: o desenvolvimento da linguagem e o aprender a andar, promovendo um salto qualitativo na autonomia infantil.

Inicialmente a criança se comunica por meio do choro. Com o passar do tempo, o adulto/cuidador começa a distinguir os motivos do choro do bebê e atender às suas necessidades. A linguagem e a capacidade de andar são marcos significativos para a autonomia infantil. Conforme a criança vai se desenvolvendo, outras ações de autocuidado também começam a ser adquiridas como: saber vestir-se, alimentar-se, escovar os dentes ou calçar os sapatos. Assim, a autonomia



pode ser entendida como a capacidade de se conduzir e de tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, a perspectiva pessoal e a do outro.

Precisamos viabilizar que as crianças exerçam seu papel como cidadãs de direito que possam pensar de forma autônoma – fantasiar, imaginar, decidir - e fazer de forma autônoma – capacidade de realizar. Vale ressaltar que a autonomia está ligada à autoestima. As crianças precisam perceber são capazes de fazer escolhas e, consequentemente, assumir responsabilidades pelas escolhas feitas. Este processo permite que desenvolvam a capacidade de resolver problemas e conflitos.

Muitas vezes, ao falarmos sobre autonomia, imediatamente nos remetemos às práticas de ações cotidianas – que são, sem dúvida, conquistas importantes para as crianças. No entanto, é necessário pensar na autonomia para além do uso instrumental do corpo. Sarmento, pesquisador português e estudioso da sociologia da infância, mencionou em uma entrevista (Richter, et. al., 2015) que a autonomia envolve poder e participação.



Ou seja, precisamos reconhecer que as crianças são seres capazes de exercer o poder, e o fazerem a partir das suas próprias ideias e noções. Porém, esse poder precisa ser compartilhado. Ao reconhecermos as crianças como competentes, atuantes e capazes, consideramos que elas têm vez e voz, o que viabiliza a sua participação nas ações cotidianas.

Segundo Montandon e Longchamp (2007), a autonomia pode se manifestar em vários planos, entre eles: *reflexivo*, relacionado ao plano intelectual/cognitivo, que resulta em certa independência de julgamento e de opinião, e na capacidade de fazer escolhas razoáveis; *relacional*, ligado a liberdade na construção de ligações afetivas; acional, de sentido prático (o individuo consegue desempenhar ações sozinho: comer, se deslocar no espaço e tomar decisões; *identitário,* da apresentação de si; espaço de liberdade, de expressar o que gosta, seja no vestuário, nas músicas e outras preferências que lhe digam respeito. (Montandon; Longchamp, 2007, p.108/109). As interações e brincadeiras, enquanto eixos estruturantes, podem ser significativas e promover, para além do desenvolvimento cognitivo, físico e emocional da criança, também a sua autonomia.



O corpo criança (Camargo, Garanhani, 2025) em movimento permite que as crianças experimentem seus limites e potencialidades, realizem descobertas sobre si mesmas e sobre os outros, brinquem e construam assim a sua visão de mundo, em permanente desenvolvimento da autonomia.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) a criança é:

> *um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca (Brasil, 1998, p. 21).*

O documento Política Nacional de Educação Infantil, também publicado pelo Ministério da Educação (MEC), complementa que a criança, numa "nova concepção", deve ser vista como "criadora, capaz de estabelecer múltiplas relações, sujeito de direitos, um ser sócio-histórico, produtor de cultura e nela inserido" (Brasil, 2006, p. 8). Considerar a criança como um sujeito pleno de direitos, com características específicas, que desempenha um papel ativo no seu processo de socialização e que, pelas interações sociais, compreende o mundo que a circunda, implica no reconhecimento de sua capacidade de produção simbólica e na "constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas" (Sarmento; Pinto, 1997, p. 20).

Diante disto, entendemos a criança como um ser único e singular, com um jeito próprio de sentir, pensar, expressar-se, ver e conviver no mundo. Ela é produto e produtora da cultura, da história e da linguagem, pois ao mesmo tempo em que se apropria do mundo que está a sua volta, ressignifica o que está instituído, atribuindo múltiplos sentidos. Assim, através da interação e brincadeiras, conhece o mundo e se constitui.

O grande desafio a ser superado é garantir que os eixos estruturantes da Educação Infantil (interação e brincadeira) estejam articulados em todas as propostas pedagógicas, para que as crianças aprendam brincando e interagindo e possam, gradativamente, adquirir sua autonomia. Para isso, é indispensável a articulação com a docência, o planejamento com intencionalidade educativa, o currículo e a vida cotidiana, de modo que esta articulação possibilite a identificação dos saberes construídos pelas crianças. Neste contexto, o objetivo desta pesquisa foi investigar de que forma as brincadeiras podem contribuir com o desenvolvimento da autonomia por meio das interações.

Na sequência, apresentamos brevemente a instituição na qual as propostas foram desenvolvidas, relatando as experiências vivenciadas pelas crianças, acompanhadas pelas observações das profissionais e pelas impressões das próprias crianças, expressas a partir de seus enunciados.

2 - A AUTONOMIA NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

As propostas, planejadas por um grupo de profissionais com formação em Pedagogia, Educação Física e Ciências, detalhadas nesta seção, foram desenvolvidas com uma turma de Educação Infantil, composta por vinte e cinco crianças, com idades entre 4 e 5 anos de idade, denominada de "Pré único". Essa turma frequentava uma escola pública de Educação Infantil e Ensino Fundamental, em período integral.

Para isso, elaboramos planejamentos que considerassem a articulação entre a docência, a intencionalidade educativa, o currículo, a vida cotidiana e os eixos estruturantes da Educação Infantil, de

modo a viabilizar a autonomia infantil. A elaboração destas atividades foi realizada pelas professoras envolvidas no projeto, com base nas escutas e observações das crianças, a fim de considerar elementos que favorecessem o êxito do projeto, bem como promover diferentes tipos de interações e brincadeiras que estimulassem a autonomia corporal.

A escola pública onde as propostas foram desenvolvidas está localizada na região norte de Curitiba, fazendo divisa com o município de Campo Magro, atendendo, portanto, crianças de ambas as regiões. A instituição conta com uma boa infraestrutura, incluindo biblioteca, espaço maker, pátio coberto com área



para refeitório, quadra coberta, parques de areia e gramado com parquinho.

Após o planejamento, as propostas foram desenvolvidas em conjunto com as crianças e analisadas paralelamente, por meio de registro em diário, observações acompanhadas de recursos tecnológicos, como vídeos e fotos, e rodas de conversa com as crianças. Dessa forma, o processo foi continuamente alimentado, tanto pela participação ativa das crianças quanto pela análise das pesquisadoras.

Alguns trechos dos relatos realizados pelas crianças durante e após a realização das brincadeiras são apresentados ao longo deste artigo, mencionando apenas as iniciais de seus nomes para garantir as questões éticas em preservar a identidade das crianças participantes, mas trazer algumas reflexões a partir das suas impressões e opiniões sobre o que foi vivenciado por elas.

Pensando nessa criança como sujeito de direitos, múltipla e plural, produto e produtora de cultura, propiciamos algumas brincadeiras pontuais com as crianças da Educação Infantil, com o



objetivo de promover sua autonomia. É importante destacar que todas a práticas desenvolvidas com crianças da Educação Infantil devem ser permeadas de brincadeiras e interações entre adultos e crianças. Contudo, o desafio foi elaborar propostas específicas que favorecessem o desenvolvimento da autonomia infantil, mas que não se limitaram apenas aos momentos aqui mencionados. Este é apenas um recorte, entre inúmeras outras possibilidades que podem ser desenvolvidas e ampliadas.

Detalharemos, a seguir, algumas propostas desenvolvidas.

Corrida do tênis: a turma foi dividida em duas equipes. Todas as crianças tiraram os sapatos e os colocaram juntos. A professora embaralhou todos os pares para dificultar a brincadeira. Formaram duas filas em frente aos sapatos com uma certa distância. Ao sinal da professora, o primeiro de cada fila saiu correndo até o monte de sapatos procurando o seu e colocando-o nos pés. Em seguida voltava, batia na mão do colega e ia para trás, no final da fila. A equipe que calçou os sapatos antes foi considerada a vencedora.

Ao explicar a brincadeira, após vivenciá-la, uma criança comenta que: "nessa atividade a gente fez com os tênis, daí duas meninas bagunçaram o montinho de tênis dos meninos, dois meninos bagunçaram os tênis das meninas. Daí a professora escolheu dois, um menino e uma menina, para começar a vestir o sapato. Mas todo mundo conseguiu. Para alguns foi difícil, para alguns foi fácil. Mas eu sei que foi muito legal" (criança M.A.). "A gente tinha que correr bem rápido para pôr tênis, porque se a gente não correr rápido a gente perde, daí eu consegui ganhar, quase, mas eu perdi" (criança L.).

O cotidiano vivido nas instituições de Educação Infantil, por si só, revela ricas oportunidades para que crianças desenvolvam sua autonomia, expressem suas opiniões e tomem decisões. Fato que nos desafia a superar a rigidez do tempo e dos espaços, repensar a nossa atuação profissional e realizar ações democráticas mais coerentes e conscientes, entendendo nosso papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Reconhecer suas limitações, perceber as diferenças entre as outras crianças ao seu redor, superar os desafios e ajudar os outros são aprendizagens que permeiam os seus enunciados a partir das práticas vivenciadas.

Nesse sentido, o brincar pode se tornar uma potente ferramenta na construção da autonomia infantil e é imprescindível que as professoras tenham consciência de que:

> *brincar junto com a criança e assumir personagens fictícios com ela, e para ela, é adentrar num mundo repleto de fantasias. Experimentar o ser criança e assim facilitar a sua comunicação com elas. Por vezes, fica nítido o convite da criança, para com o adulto, a este brincar na aventura de ser outro. Então corpo, imaginação e expressão ganham sentido nas ações com elas (Leite, 2015, p. 28).*

Assim, uma outra proposta desenvolvida com as crianças, foi pega-pega roupa limpa.

Pega- pega roupa limpa: foi solicitado às famílias que enviassem roupas extras para a escola. A brincadeira se baseia no jogo de pega-pega. A criança "pegadora" que encostar em outra criança deixará a criança "suja", então a criança deverá correr e pegar uma roupa "limpa" das que trouxe e colocar por cima da que está ou substituir uma das peças. As roupas foram dispostas em um espaço de fácil acesso para as crianças, e outras foram penduradas em um varal (do cantinho da casinha). O objetivo era que o pegador conseguisse "pegar" todas as crianças rapidamente e que todas estivessem ainda na troca de roupas.

Ao comentar a brincadeira na roda de conversa, as crianças relataram uma preocupação com uma das regras referentes a troca de roupa: "a gente tinha que correr dali (...), a gente não queria que ele sujasse nossa roupa na brincadeira, mas ele pegou a gente, então a gente teve que pôr a roupa limpa para não ficar com a roupa suja" (criança M.A.).

Portanto, o brincar é multifacetado e implica em uma gama de contribuições para o avanço nos saberes das crianças, na medida em que, de acordo com Angela Borba (2006):

> *[...] abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade. Nele, as coisas podem ser outras, o mundo vira do avesso, de ponta-cabeça, permitindo à criança se descolar da realidade imediata e transitar por outros tempos e lugares, inventar e realizar ações/ interações com a ajuda de gestos, expressões e palavras [...] São tantas possibilidades quanto é permitido que as crianças imaginem e ajam guiadas pela imaginação, pelos significados criados, combinados e partilhados com os parceiros de brincadeira. Sendo esses outros, definindo outros tempos, lugares e relações, as crianças aprendem a olhar e compreender o mundo e a si mesmas de outras perspectivas (Borba, 2006, p. 46).*



Quando a criança brinca, ela tem a possibilidade de interagir com outras crianças, imergir no mundo do faz-de-conta, além de criar, inventar e construir novos conhecimentos. Assim:

> *como sujeitos que aspiram a novos conhecimentos, as crianças enfrentam o desafio de compreender os signos, os símbolos e os complexos sistemas de representação que circulam socialmente, dar sentido a eles e deles se apropriar. Ao interagir com os diferentes signos e com os conhecimentos que circulam socialmente, a criança o faz sob a mediação dos seus saberes e das suas experiências infantis. Dessa articulação, nascem novos saberes, conhecimentos e experiências (Baptista 2010, p.03).*

Vale ressaltar que "a aprendizagem não é um ato puramente individual e que os processos de ensino-aprendizado e desenvolvimento se constituem de modo articulado e são pressupostos e partes integrantes das práticas educativas". Ela é sempre um processo compartilhado, isto é, "simultaneamente processo e resultado de atividades e ações individuais e partilhadas com outros." (Barbosa, et. al., 2019, p. 85). Este processo contínuo de interação e brincadeira possibilita que as crianças realizem trocas entre seus pares



e construam aprendizagens individuais e compartilhadas.

Outra proposta que permitiu que as crianças interagissem com os colegas, auxiliando-os na realização da proposta, foi a brincadeira chamada boneco de neve.

Boneco de neve: a turma foi dividida em 7 equipes, com 4 a 5 crianças. Por meio de um bilhete, solicitou-se às famílias que enviassem roupas extras para as crianças. As equipes foram formadas levando em conta o tamanho das crianças, para que ficassem distribuídas de forma equilibrada. Ao sinal do professor, as crianças vestiram ou ajudaram o colega a vestir o maior número possível de roupas. Após um tempo determinado, o professor solicitou que as crianças, agora "bonecos de neve", executassem atividades de se deslocar rapidamente de um ponto até outro. A brincadeira foi reiniciada até que todas as crianças passassem pela experiência do boneco de neve.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010) estabelecem o direito às experiências de aprender que possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar.

Neste sentido, é indispensável escutar e olhar a criança para que cada uma seja compreendida em sua singularidade. É preciso:

> *[...] chegar perto das crianças por meio de uma escuta empática que reconhecendo sua alteridade, busca respeitá-la pelo que ela é, pensa e quer nos dizer e, suas multiplicidades de linguagens expressivas, simbólicas, lúdicas, cognitivas, imaginativas e relacionais (Valiati, 2012, p. 13).*

Para Rinaldi (2012), há uma especificidade nas escutas às falas das crianças:

> *[...] ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os nossos sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e também direção). Escuta das cem, das mil linguagens, símbolos e códigos que usamos para nos expressar e nos comunicar, e com os quais a vida expressa a si mesma e se comunica com aqueles que sabem ouvir [...].*

Por trás do ato de escuta existe normalmente uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse; há sempre alguma emoção. Escuta é emoção; é um ato originado por emoções e que estimula emoções. As emoções dos outros nos influenciam por meio de processos fortes, diretos, não mediados e intrínsecos à interação entre sujeitos comunicantes. Escutar como forma de aceitar de bom grado e estar aberto às diferenças, reconhecendo o valor do ponto de vista e da interpretação dos outros (Rinaldi, 2012, p. 124).

Outro aspecto primordial no planejamento e desenvolvimento destas propostas é compreender os direitos de provisão, proteção e participação,

conforme prevê Estatuto da Criança e do Adolescente (1990):

> *Os direitos de provisão, proteção e participação precisam ser pensados de modo coerente e articulado, pois, tão inaceitável quanto negar aos bebês e às crianças o direito à participação e à autonomia é, em outro extremo, deixá-los entregues à própria sorte em nome dessa 'suposta autonomia'. Uma vez reconhecidos como sujeitos competentes, capazes de participar da produção e reprodução cultural, isso não significa tornar dispensável as ações de provisão e proteção. Bebês e crianças aprendem a participar nas relações e interações, e essas vivências*



> *devem acontecer em um ambiente organizado, seguro, acolhedor e desafiador, enfim, em um ambiente promotor de relacionamentos, aprendizagens, saúde e bem-estar. Logo, reiteramos que são atores sociais e sua pouca idade não pode constituir um instrumento limitador de direitos (Curitiba, 2020, p. 37, grifos nossos).*

Desta forma, faz-se necessário pensar, planejar e organizar ambientes seguros, acolhedores e desafiadores, de forma a não cercear as possibilidades investigativas das crianças, propiciar a integração e promover a sua autonomia. Em outra proposta, organizada em dois momentos, as crianças aprenderam a amarrar os sapatos.

Aprendendo a amarrar os calçados. 1º Momento: as crianças receberam um recorte de papel-cartão para tentar fazer o molde de seus pés. Houve grande participação, com todos querendo realizar a atividade ao mesmo tempo. A maioria das crianças fez sozinha, mas algumas precisaram do auxílio das professoras. Após realizarem o molde, foram



convidadas a recortá-lo. Poucas crianças não conseguiram manusear a tesoura corretamente, sendo essas também auxiliadas pelas professoras.

Após o recorte, foi proposto que pintassem com giz de cera o molde de seu pé. 2º Momento: foram espalhados sobre o tatame da sala todos os moldes confeccionados pelas crianças. 1º Desafio: "Cadê o meu pé?" Cada criança foi procurando o seu molde de acordo com os desenhos e cores que utilizaram. Quase todos encontraram o seu "pé" sendo que alguns tiveram que ser auxiliados pelos colegas e professoras. 2º Desafio: Cada criança recebeu um cadarço. Exploraram e realizaram a tentativa de trançar o cadarço no molde. Após este momento as professoras mostraram como poderia ser feita a amarração. Foi muito gratificante vê-los tentando realizar este grande desafio.

Os relatos infantis revelam suas descobertas: - "Professora, eu consegui! É só dobrar aqui, depois do outro lado, juntar, passar por dentro e puxar!" (criança T.)

- "Professora, olha aqui o meu! Está certo?" (criança D.M.). Tivemos que juntos retirar todo o cadarço e tornar a fazer com o auxílio da professora. - "Olha professora, eu já sei!" (criança S.E.). É a menor criança da sala e sozinha conseguiu colocar o cadarço e amarrar certinho.

Em todos os momentos, as crianças permaneceram atentas, concentradas e muito interessadas em conseguir realizar o desafio. Algo que chamou muito a nossa atenção, como professoras, foi perceber que aqueles que haviam realizado a amarração corretamente, passaram a auxiliar os colegas que ainda estavam com dificuldade.

Percebemos nas crianças uma grande curiosidade e persistência em querer realizar a atividade sozinhas. Elas fizeram tentativas diferentes da maneira que ensinamos, criando outras possibilidades para colocar os cadarços e para amarrá-los. É preciso tentar e errar quantas vezes forem necessárias para finalmente acertar; essa é a base da experimentação e crescimento. Fortunati (2020) enfatiza que:

> *evitar que a pressa entre em campo permite que cada um amadureça sua autonomia, contendo as frustrações de tentativas sem sucesso, oferecendo tempo e oportunidade para tentar de novo ou para emprestar às crianças os movimentos que elas ainda não conquistaram. Respeitando os tempos e ritmo de desenvolvimento de cada um, o educador aprende a conhecer os infinitos e possíveis percursos de crescimento e do desenvolvimento do conhecimento. Aprende a valorizar e a reconhecer as diferenças individuais como um valor, comunica e nutre o respeito por toda a diversidade nas crianças (Fortunati, 2020, p. 289).*

3º Momento – Roda de Conversa.
Neste momento tentamos ouvir todas as crianças. Queríamos saber das suas opiniões sobre como foi para elas as tentativas de realizarem as amarrações

dos seus cadarços. Houve opiniões bem diferentes:

- "Bem difícil! Eu não estava conseguindo fazer as "orelhinhas". O T. (nome da criança) me ajudou!" (criança G.L.).

- "Eu não estava conseguindo e a prof. me ajudou! Não estava acertando os buraquinhos para fazer os 'xis'". (criança C).

E algumas relataram com detalhes:

- "Consegui fazer os dois 'xis'. Daí fiz duas 'orelhinhas de coelho' e amarrei! Foi fácil!" (criança L.E.).

- "Primeiro puxei as duas pontinhas e deixei do mesmo tamanho. Depois eu passei as duas pontinhas pelo outro buraquinho. Fiz um x atrás e depois amarrei". (criança M.A.).

- "Eu já quase sabia! Foi só fazer outras vezes e... acertei!" (criança H).

- "Muito fácil!" (criança D).

- "Olha prof! Fiz sozinha!" (criança SE).

Algo que foi observado em todas as crianças é que as de menor idade conseguiram realizar a tarefa sem muita dificuldade, que foi o caso das crianças S.E. e D. Também percebemos que houve muita cooperação entre as crianças. Aqueles que já sabiam, demonstraram muita vontade de colaborar com os colegas que estavam com dificuldade em



realizar a amarração.

A educação que promove a autonomia é aquela que visa à formação integral do humano, abrangendo além da capacitação técnico-científica, também a formação política, ética e estética. Ela precisa ser ativa, estimulando a imaginação, o ato de questionar e investigar. Embora autonomia e conhecimento possuam uma relação de contingência, a capacitação e a aquisição de conhecimentos são necessárias para possibilitar a realização de projetos livremente estabelecidos, permear as escolhas infantis e as tomadas de decisões, um processo longo e complexo, mas que deve ser iniciado na infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste texto, exploramos o conceito de autonomia e sua importância no desenvolvimento infantil. Autonomia não deve ser confundida com autossuficiência, mas sim como a capacidade de conduzir-se e tomar decisões considerando regras, valores, perspectivas pessoais e do outro. A educação infantil desempenha um papel crucial na promoção da autonomia das crianças, permitindo que elas pensem, ajam e falem de forma autônoma.

Por meio de propostas que envolveram interações e brincadeiras, as crianças puderam aprender, cooperar e tomar decisões. A importância da escuta atenta e do olhar sensível para cada criança foi destacada, pois reconhecer a singularidade de cada sujeito é fundamental para promover sua autonomia.

As brincadeiras propostas, como a corrida do tênis, pega-pega roupa limpa, boneco de neve e aprender a amarrar os calçados, permitiram que as crianças experimentassem desafios e superassem obstáculos. A cooperação entre as crianças e a disposição para ajudar os colegas foram observadas, demonstrando a importância da interação social no desenvolvimento da autonomia.

É fundamental compreender que a autonomia não se opõe à proteção e à provisão, mas sim complementa esses aspectos. As crianças têm o direito de participar ativamente de seu próprio processo de desenvolvimento, mas isso não significa que devam ser deixadas à própria sorte. Um ambiente seguro, acolhedor e desafiador é essencial para promover a autonomia. Em resumo, a promoção da autonomia nas crianças é uma tarefa complexa, mas fundamental para o seu desenvolvimento pleno. Através de abordagens educacionais sensíveis e interativas, é possível ajudar as crianças a se tornarem sujeitos autônomos, capazes de pensar, agir e tomar decisões de forma consciente e responsável.

Neste sentido, precisamos pensar na autonomia para além do uso instrumental do corpo, e propiciar práticas que envolvam o poder e a participação das crianças em todos os aspectos que lhe digam respeito - algo que precisa ser debatido e, acima de tudo, consolidado.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. C. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância.** Minas Gerais: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE/UFMG, 2010.

BARBOSA, I. G.; MARTINS SILVEIRA, T. A. T.; SOARES, M. A. A BNCC da Educação Infantil e suas contradições: regulação versus autonomia. **Retratos da Escola,** [S. l.], v. 13, n. 25, p. 77–90, 2019. DOI: 10.22420/rde.v13i25.979. Disponível em: https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/979. Acesso em: 21 nov. 2024.

BORBA, A. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo.** In: BRASIL, MEC/SEB Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. BEAUCHAMP, Jeanete; RANGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro (Orgs.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 1 v. – introdução.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Política Nacional de Educação Infantil:** pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília: MEC/ SEB, 2006.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2010.

BRASIL. Lei Federal n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CAMARGO, G. B.; GARANHANI, M. C. O corpo criança e o corpo adulto na pesquisa com crianças. **Práxis Educativa,** [S. l.], v. 20, p. 1–14, 2025. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.20.23491.002. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/23491. Acesso em: 30 jan. 2025.

CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Educação Infantil:** diálogos com a BNCC. Curitiba: Superintendência de Gestão Educacional; Departamento de Educação Infantil, 2020.

FORTUNATI, **A. Confiança, oportunidade, tempo.** Olhar, imaginar, construir o futuro com os olhos das crianças. Editora Buqui, 2020.

LEITE, E. C. P. **O Professor em Ação Dramática na Educação Infantil.** Paco Editorial, 2015.

MONTANDON, C.; LONGCHAMP, P. Você disse autonomia? Uma breve percepção da experiência das crianças. **Perspectiva,** Florianópolis, v. 25, n. 1, 105-126, jan./jun. 2007.

RICHTER, A. C.; BASSANI, J. J.; VAZ, A. F. Entrevista com Manuel Jacinto Sarmento: Infância, Corpo e Educação Física. **Cadernos de Formação RBCE.** V. 6, n 2, 2015. **p. 11-37 Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2182. Acesso em 30 jan. 2025**.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emília: escutar, investigar e aprender.** SP: Paz e Terra, 2012.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Org.). **As crianças:** contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997. p. 9-30.

SILVA, M. **Autonomia e desenvolvimento infantil: o papel das interações e do brincar.** São Paulo: Editora Educação, 2023.

VALIATI, M. E. **Tudo começa com as crianças.** Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, v. 10, n. 30, 2012.